

## ESTUDOS DA NOVA ERA: PERSPECTIVAS DA IDENTIDADE, DO IMAGINÁRIO E DAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Francine Michele Rodrigues<sup>1</sup>

**RESUMO:** O movimento da Nova Era carrega em sua construção a mudança de paradigmas que permeia a pós-modernidade, e apresenta-se em expansão e desenvolvimento no Brasil. Pesquisadores contemporâneos das ciências humanas e sociais têm discutido questões relativas à constituição das identidades e do imaginário dos sujeitos e grupos da pós-modernidade, que cada vez mais passam a ser fragmentadas, deslizantes e em constante processo de construção. Nesse sentido, o imaginário contemporâneo da Nova Era manifesta-se na busca dos indivíduos pela integralidade por meio do do autodesenvolvimento, guiado pelo caminho da espiritualidade, que nesse contexto é conhecida como neo-esoterismo. Assim, o presente trabalho, apresentado no Seminário de Pós-Graduação da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo/RS, pretende discorrer sobre o contexto contemporâneo da Nova Era, refletindo sobre a constituição da identidade e do imaginário dos adeptos ao movimento, à luz das pesquisas desenvolvidas por teóricos pós-modernos como Stuart Hall e Michel Maffesoli, revisitando, ainda, os conceitos clássicos de Mircea Eliade, afim de compreender os principais simbolismos mágico-religiosos.

**Palavras-chave:** Cultura. Identidade. Imaginário. Nova Era. Pós-modernidade.

### INTRODUÇÃO

Pesquisadores contemporâneos das ciências humanas e sociais como Stuart Hall e Byung-Chul Han têm discutido questões relativas à identidade cultural e ao modo de viver dos grupos urbanos da pós-modernidade, apontando para uma possível “crise de identidade”. Para Hall (2019, p. 10), as transformações estruturais ocorridas nas sociedades modernas no final do século XX influenciaram, também, as identidades pessoais, ao desestabilizar a ideia de sujeitos integrados, causando, assim, uma perda do “sentido de si”.

Han (2017, p. 25) aponta, ainda, que esta falta de sentido apresenta-se, principalmente, na ordem do pertencimento, da verdade e de “ser”, como reflexo do modo de viver das sociedades urbano-contemporâneas, especialmente pela constante busca por desempenho e transparência, que se apresentam, também, como causa central dos principais distúrbios neuronais que afetam essa população. Em contrapartida, a mudança nos paradigmas que permeiam a pós-modernidade instigaram novas buscas ao sujeito contemporâneo, como é o

---

<sup>1</sup> Terapeuta Integrativa, Designer de Interiores e MBA em Gestão Empresarial. Mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS. E-mail: francinemichelerodrigues@gmail.com

caso do movimento da Nova Era, que segundo o antropólogo José Guilherme Magnani, iniciou na década de 50, nos Estados Unidos, a partir de um movimento que contestava os padrões vigentes, que ficou conhecido como *contracultura* e impactou, praticamente, todo o mundo ocidental. (MAGNANI, 2000, p. 11)

Ainda segundo Magnani (2000), este movimento consolidou-se no Brasil a partir dos anos 90, refletindo as mudanças de paradigmas, em especial

trazendo ou anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros, com a natureza e com a esfera do sobrenatural. De uma forma geral, essas transformações são entendidas no sentido de um reequilíbrio entre polos – corpo/mente, espírito/matéria, masculino/feminino, ciência/tradição, etc – até então opostos e em conflito. (MAGNANI, 2000, p. 10)

As transformações que permeiam a construção da identidade dos sujeitos pós-modernos geram, também, profundas alterações no campo do imaginário, especialmente, em sua relação com o sagrado e os significados atribuídos a esta relação. Dessa forma, Magnani (2000) nos diz que para

alguns se trata do advento de uma nova religião – a religião da Nova Era – adaptada aos tempos atuais, uma espécie de religião “pós-moderna”, na qual o adepto seria seu próprio oficiante: a revelação e os preceitos não viriam de fora, de uma instância transcendental, mas do íntimo de cada um, considerado como o templo de uma “centelha divina” primordial. Os objetos de culto e veneração, como incensos, imagens, sons, gestos, também seriam escolhidos e combinados de acordo com a criatividade e inspiração individuais. (MAGNANI, 2000, p. 8)

A expansão do movimento da Nova Era, caracterizada especialmente pelo que Magnani denominou como *neo-esoterismo*, tem impactado de forma intensa o modo de viver dos grupos urbanos, ao ganhar novas dimensões na contemporaneidade. Dessa forma, o presente trabalho pretende, a partir de revisão bibliográfica, discorrer sobre o contexto contemporâneo da Nova Era, refletindo sobre a constituição da identidade e do imaginário dos sujeitos e grupos adeptos ao movimento, a luz das pesquisas desenvolvidas por teóricos pós-modernos como Stuart Hall e Michel Maffesoli. Ainda, para fins de compreensão do simbolismo mágico-religioso, serão revisitados os estudos clássicos de Mircea Eliade.

## DESENVOLVIMENTO

De acordo com Hall (2019, p. 12), as sociedades modernas caracterizam-se, especialmente, pela efemeridade em função dos processos de mudança que ocorrem de forma constante, rápida e permanente. No que se refere à pós-modernidade, destaca-se com maior

ênfase o processo de “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural. Assim, os paradigmas vigentes no período moderno, ainda permitiam uma concepção de identidade representada pelo sujeito do Iluminismo, enquanto

indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2019, p. 10 e 11)

Contudo, a intensidade das transformações nas estruturas sociais e culturais, que até então eram bem definidas e forneciam sólidas localizações aos indivíduos sociais, tem sido fragmentadas. Dessa forma, ocorre também a fragmentação das identidades dos sujeitos, que até então viam-nas como integradas, fixas e sólidas. Essa fragmentação é o que Hall aponta como a perda de um “sentido de si”, e que define como o deslocamento ou descentração do sujeito. Para ele, “esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2019, p. 10).

Nessa ordem, o sujeito da pós-modernidade passa a caracterizar-se não por uma, mas por várias identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas. Para Hall (2019, p. 11), “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Ainda consoante Hall,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2019, p. 12)

A partir dessa perspectiva, tornam-se compreensíveis alguns dos aspectos da identidade dos sujeitos e grupos da Nova Era, principalmente, no que diz respeito ao fator deslizante da identidade, na medida em que estes sujeitos constroem suas próprias narrativas em um processo constante de identificação e ressignificação, ao aprenderem e escolherem entre diversos elementos, simbolismos e crenças, de acordo com o que faz sentido para si. Em relação ao aspecto contraditório dessa construção da identidade da Nova Era, Magnani (2000, p. 27) afirma que “apesar da heterogeneidade, as atividades comumente enfeixadas sob esta denominação não se reduzem a um amontoado de práticas desconexas, mas apresentam padrões e regularidades.”

Nos processos de identificação dos sujeitos da Nova Era, destaca-se a procura constante na direção da “prosperidade, da descoberta e aperfeiçoamento de potencialidades interiores, da busca de uma melhor qualidade de vida, configurando um verdadeiro ‘estilo de vida’ reconhecido e visível na paisagem dos grandes centros urbanos, já sem o peso do estigma.” (MAGNANI, 2000, p. 25) Essa busca da descoberta e do aperfeiçoamento das potencialidades interiores, também identificada por Magnani (2000, p. 14) como um “despertar das capacidades do Eu”, que se identifica como uma “centelha divina em eterna busca de encontro com sua fonte e origem primordial”, pode ser associada, simbolicamente, à busca do homem pelo “Centro”, amplamente discutida e apresentada por Mircea Eliade.

Eliade, clássico historiador das religiões e do simbolismo mágico-religioso, ao analisar o sujeito não apenas como ser histórico, mas, também, como “símbolo vivo”, aponta que “os símbolos, os mitos e os ritos revelam sempre uma situação-limite do homem, e não apenas uma situação histórica. Por situação-limite, entendemos aquela que o homem descobre tomando consciência do seu lugar no universo”. (ELIADE, 2012, p. 30) Nesse contexto, destaca-se o simbolismo do “Centro”, posto que “todo ser humano tende, mesmo inconscientemente, para o Centro e para o seu próprio Centro, que lhe dará a realidade integral, a ‘sacralidade’”. (ELIADE, 2012, p. 50)

Esta busca pelo próprio centro, aliada à compreensão de uma realidade integral que é identificada pela sacralidade, apresenta-se em consonância com as buscas realizadas pelos sujeitos da Nova Era, ainda que atualizadas para o contexto contemporâneo, na medida em que fazem o seu próprio caminho espiritual, sem o intermédio de mestres ou gurus. Nesse sentido, Eliade (2012, p. 28) reforça que o “fato espiritual pressupõe o ser humano integral, ou seja, a entidade fisiológica, o homem social, o homem econômico, e assim por diante.”

Percebe-se, dessa forma, o sentido da busca por um caminho espiritual autônomo como representação da busca pela reintegração das identidades e dos sujeitos que ao final do século XX vinham fragmentadas, bem como pela busca por localizar-se novamente, em si e no todo. A busca do sujeito pela integralidade em resposta à fragmentação e à centralidade em resposta ao descentramento, proporcionadas pela vida espiritual, estão relacionadas ainda, segundo Eliade (2012, p. 29), ao conhecimento do homem para além de sua condição histórica, na medida em que este conhece outros estados de ser que transcendem o tempo histórico. Nesse sentido, Eliade complementa que um

“centro” representa um ponto ideal, pertencente não a um espaço profano, geométrico, mas ao espaço sagrado, e no qual se pode realizar a comunicação com o Céu e o Inferno; em outros termos, um “centro” é o lugar paradoxal da ruptura dos níveis, o ponto em que o mundo sensível pode ser ultrapassado. Mas pelo fato de transcender o Universo, o mundo criado, transcende-se o tempo, a duração, e obtém-se a estase, o eterno presente intemporal. (ELIADE, 2012, p. 72)

Em consonância com a perspectiva de Eliade, Magnani nos diz que

a Nova Era recupera a visão de um princípio superior ou divino, mas não separado do mundo e do homem. Essa escolha tem como consequência a perspectiva holística, segundo a qual o todo e as partes se integram. Isso implica a não divisão entre corpo, mente e espírito, a substituição das ideias de pecado e culpa pela busca do auto-aprimoramento e uma importância dada mais ao conhecimento interior do que a verdades reveladas. (MAGNANI, 2000, p. 37 e 38)

Em suas pesquisas, Magnani (2000, p. 43) identifica ainda que “é possível distinguir uma espécie de ‘gramática’ ou modelo explícita ou implicitamente presente na base de grande parte das doutrinas e discursos identificados com a Nova Era”. O antropólogo representa este modelo pela figura de um triângulo, que tem em uma de suas pontas o *Indivíduo* (em suas diversas concepções e graus de profundidade), em outra a *Totalidade* (o Absoluto, o Cosmos, o Divino, a Natureza, de acordo com cada versão) e, ainda, a *Comunidade*, que permite aos sujeitos em suas relações culturais e sociais, vivenciarem sua expressão e alcançarem sua verdadeira natureza.

Dessa forma, para além das buscas individuais, os sujeitos que se identificam com o movimento da Nova Era, passam a unirem-se em grupos diversos com os quais se identificam, ao compartilharem um conjunto de símbolos semelhantes. O triângulo apresentado por Magnani como estrutura essencial do movimento, nesse sentido, reflete o aspecto cultural da Nova Era, a partir da concepção de cultura discutida por Hall (2016, p. 20), enquanto produção e “intercâmbio de sentidos – o ‘compartilhamento de significados’ – entre os membros de um grupo ou sociedade”, na medida em que “dão sentido” às coisas de forma semelhante.

Esta perspectiva cultural da Nova Era, enquanto conjunto de símbolos compartilhados, é o que promove a união dos sujeitos e grupos das diversas linhas do movimento, e que aparece em consonância aos estudos desenvolvidos por Michel Maffesoli, especialmente em relação ao que este define como um movimento de “neotribalização”, característico dos grupos sociais da pós-modernidade. Maffesoli utiliza a metáfora da tribo para identificar esse fenômeno social, posto que “permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da *função* que lhe é inerente, e da valorização do *papel* que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela.” (MAFFESOLI, 2014, p.10)

Assim, ainda que as buscas dos sujeitos da Nova Era se caracterizem pelo desenvolvimento individual, emerge o paradoxo que permeia essa construção, na medida em que esses indivíduos, quanto mais se auto-desenvolvem, mais se sentem integrados, devido à sua conexão com o sagrado e com o “todo”, transformando-se em sujeitos coletivos. No contexto da Nova Era, a valorização do papel de cada pessoa apresentado por Maffesoli, caracteriza-se pela oportunidade dada aos sujeitos de encontrarem e expressarem sua “verdadeira natureza”, na medida em que estes podem explorar e vivenciar diferentes papéis, diferentes “eus”, na busca pelo seu centro.

Diferentemente das sociedades modernas, Maffesoli ressalta, ainda, que a sociedade pós-moderna é chamada a relacionar-se mais intensamente com a alteridade, ou seja, um “terceiro”, em um constante diálogo, de integração e exclusão. Nessa perspectiva, discorre que

No sentido estrito do termo, o dinamismo cultural e individual se apoia na tensão de elementos heterogêneos. Trata-se de uma perspectiva que assume, cada vez mais, importância, à medida que ressurgem uma visão simbolista do mundo social. Estamos longe, naturalmente, da Unidade que foi, desde os começos da Modernidade, o objetivo do racionalismo ocidental. A metáfora do triadismo permite fazer ressaltar o paradoxo, o estilhaçamento, o dilaceramento, o contraditório em ação em uma palavra, a pluralidade constitutiva desse neotribalismo contemporâneo.

Dessa maneira, à sonhada Unidade está se sucedendo uma espécie de *unicidade*: o ajustamento de elementos diversos. (MAFFESOLI, 2014, p. 187)

A unicidade apresentada por Maffesoli, enquanto ajustamento de elementos diversos, apresenta o caráter heterogêneo que naturalmente permeia a sociedade pós-moderna, e que constitui o pluriculturalismo que caracteriza a contemporaneidade e, assim, o neotribalismo. Contudo, este pluriculturalismo parte de uma hibridação intencional nas relações, valorizando o caráter de expansão do conjunto simbólico dos grupos e indivíduos, na medida em que integram diferentes elementos, de diversas culturas, na construção da bacia semântica que compõe seu imaginário. É este aspecto, também, que permitirá a identificação com grupos de múltiplas linhas e vertentes tanto a nível espiritual como social, à medida em que dão sentido às coisas de forma semelhante.

Em relação a este conjunto de sentidos, que permeia as relações dos grupos sociais da pós-modernidade, Maffesoli ressalta a *aura estética* como elemento central do imaginário, que conecta as tribos contemporâneas. Para ele, a “aura” pode ser compreendida como uma sensibilidade coletiva, relativa às emoções, sentimentos, a mitologia e/ou a ideologia, por exemplo, que ultrapassa o imaginário individual e caracteriza determinada época. Sobre a “aura estética” da pós-modernidade, o autor acrescenta que

É possível que se assista agora à elaboração de uma *aura estética* na qual se reencontrarão, em proporções diversas, os elementos que remetem à pulsão comunitária, à propensão mística ou a uma perspectiva ecológica. O que quer que possa parecer, existe uma ligação sólida entre esses diversos termos. (MAFFESOLI, 2014, p. 23)

Maffesoli (2014, p.24) destaca, ainda, que a *aura estética* se apoia na união e no clima “holista” que afirma o ressurgimento do solidarismo e da organicidade das coisas, de forma que a emoção e a sensibilidade devem ser consideradas como um misto de objetividade e subjetividade, posto que na pós-modernidade já não se aplica a separação binária e puramente racional como na modernidade. Em consonância à perspectiva de Maffesoli, encontram-se as pesquisas de Magnani (2000, p. 44), em relação à perspectiva da solidariedade e da comunidade, ao discorrer que

Daí a atração de alguns grupos neo-esotéricos, se não pela volta a um estado ideal de comunidade (ainda encontrada, segundo creem, em culturas não contaminadas pela sociedade moderna), ao menos por seus ideais, buscados nos limites dos pequenos grupos que se reúnem nos espaços, nas vivências e workshops intensivos em fins de semana. O modelo imaginado como ideal, portanto, supõe o indivíduo tomado em sua integralidade (corpo/mente/espírito), que pertence a uma comunidade harmônica e se apercebe em seu seio, ambos imersos e integrados numa realidade mais inclusiva e total, da qual é preciso tomar consciência. (MAGNANI, 2000, p. 44)

Ainda, em concordância com as características do neo-esoterismo apresetadas por Magnani, está a definição de Maffesoli (2014, p. 20), que identificou os grupos que se formam na sociedade contemporânea como “comunidades emocionais”, caracterizadas por seu aspecto efêmero, uma “composição cambiante”, inscrição local, ausência de uma organização e uma estrutura quotidiana. Contudo, ainda que cambiantes e efêmeros, estes grupos constroem laços sólidos devido às emoções compartilhadas e pela comunalização aberta. Assim, no seio dos sentidos compartilhados por estes grupos, estão as emoções e os sentimentos vividos em comum, que geram os sentidos de identificação e de pertencimento.

Assim, de acordo com as representações dadas ao pilar da comunidade, percebe-se que esta amplia seus significados, na medida em que representa um ideal social para os sujeitos da Nova Era, bem como para as sociedades pós-modernas, posto que retoma os sentidos essenciais das tribos tradicionais, reconfiguradas nas “comunidades emocionais”. Nesse sentido, acrescenta-se, também, o que Maffesoli (2014, p.157) chamou de *socialidade*, tendo em vista que ao lado da sensação de coletividade, desenvolve-se uma lógica de rede.

Sobre a lógica de rede, Maffesoli observa que

Da multiplicação dos cultos privados ao acanhado tecido de pequenas células que oferecem hospitalidade aos líderes da nova religião cristã, ou aos revolucionários dos tempos modernos, as novas agragações sociais, o nascimento dos valores alternativos passa pelo que podemos chamar a lógica da rede. Quer dizer, algo que dá precedência ao calor afetivo, ou que, pelo menos, demonstra que ele tem um lugar privilegiado na estruturação ou no objetivo social. (MAFFESOLI, 2014, p. 159)

A compreensão da lógica das redes proposta por Maffesoli se faz importante pois reforça o caráter essencial que norteia as relações dos grupos da pós-modernidade, qual seja, o valor da sacralidade, que se apresenta também como fator essencial do movimento da Nova Era, na medida em que “a própria ‘religação’ é mais importante do que os elementos que são ligados. Será menos o objetivo que se deseja atingir do que o próprio fato de estar junto que prevalecerá.” (MAFFESOLI, 2014, p. 157) Nesse sentido, torna-se possível compreender que, embora efêmeros, os grupos da Nova Era, assim como nas perspectivas de Maffesoli, encontram-se e unem-se pelos sentimentos compartilhados, mantendo-se conectados pelas ligações de afeto e pelas experiências vividas em conjunto.

Cabe ainda ressaltar a importância atribuída aos costumes, enquanto “conjunto dos usos comuns que permite a um conjunto social reconhecer-se como aquilo que é.” (MAFFESOLI, 2014, p. 38), posto que são eles que permitem a comunidade existir como tal, tornando-a visível. Ainda para Maffesoli (2014, p. 43), “é a compreensão do costume como fato cultural que pode permitir uma apreciação da vitalidade das tribos metropolitanas. É delas que emana essa *aura* (a cultura informal) na qual, *volens nolens*, estamos todos imersos.”

No contexto da Nova Era, Magnani pesquisou sobre os principais costumes compartilhados por esses grupos, representados por um vasto sistema que movimenta o cotidiano dos indivíduos, bem como a economia local, em relação aos produtos e serviços que são disponibilizados aos participantes do movimento. Magnani (2000, p. 33) nomeou esse sistema como *circuito neo-esotérico*,

ao longo do qual os usuários, adeptos ou frequentadores ocasionais constroem seus trajetos e fazem suas escolhas. Na realidade, mais do que cada um dos espaços que o integram, é a esse conjunto que propriamente pode-se aplicar a expressão *neo-esotérico*, nem sempre adequada para qualificar essa ou aquela instituição em particular.

Nesse circuito, os centros integrados ocupam um lugar especial, pois congregam os espaços mais identificados com o *modus vivendi* da Nova Era: mais ecléticos, concentram num só lugar as características dos demais grupos e todo o leque de atividades. (MAGNANI, 2000, p. 33)



Não é pretendido por esse trabalho discorrer sobre todo o circuito apresentado por Magnani, devido ao espaço necessário para essas reflexões. Contudo, os costumes e práticas que caracterizam *modus vivendi* da Nova Era têm grande importância nas pesquisas relacionadas ao imaginário, enquanto conjunto de símbolos compartilhados pelo grupo, posto que representam a integração e a manifestação do imaginário nas práticas cotidianas e sociais.

Por fim, compreende-se a expansão, desenvolvimento e integração do movimento da Nova Era na contemporaneidade, especialmente pelo que Maffesoli define como um “reencantamento do mundo”, ao refletir que

O pequeno grupo, pelo contrário, tende a restaurar, estruturalmente, a eficácia simbólica. E, pouco a pouco, vemos a constituição de uma rede mística, com fios mais sólidos, que permite falar do ressurgimento do cultural na vida social. Eis a lição essencial que nos dão essas épocas de massas. Épocas como essas se apoiam principalmente na concatenação de grupos com intencionalidades estilhaçadas, mas exigentes. É isso o que proponho chamar de reencantamento do mundo. (MAFFESOLI, 2014, p. 152)

Dessa forma, o “reencantamento do mundo” que permeia a construção das identidades e das relações da pós-modernidade, reforça a importância do simbólico como fator de conexão entre os sujeitos e grupos, transparecendo também no contexto da Nova Era. É, portanto, através do sentir – e dos sentidos –, que os indivíduos (re)constróem suas identidades e suas relações, ancoradas pelo imaginário das novas tribos urbanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde as análises desenvolvidas neste trabalho, tornou-se possível discutir sobre as possíveis constituições da identidade dos sujeitos da pós-modernidade e como estas se correlacionam aos indivíduos e grupos que identificam-se com o movimento da Nova Era. A partir dessa contextualização, compreende-se que o caminho espiritual representado pelo neoesoterismo reflete a busca dos sujeitos pela integralidade e o centramento, a partir de suas escolhas individuais, na medida em que identificam-se com diferentes linhas e vertentes, e tecem suas próprias narrativas, afim de posicionarem-se social e culturalmente.

Assim, na base do imaginário dos sujeitos que se identificam com a Nova Era, estão os significados atribuídos ao autodesenvolvimento e à conexão com o sagrado que habita em si e em tudo, gerando um sentido de pertencimento ao todo. Dessa forma, a percepção do sagrado que, também, habita o outro e todas as formas de vida, institui a empatia e a busca por relações harmoniosas que se refletem nos pequenos grupos e comunidades contemporâneas, que se

conectam pelos sentimentos compartilhados, pelo apoio e pela oportunidade dos indivíduos em expressarem suas múltiplas identidades e experiências. São essas características portanto que permitem a integralidade, o pertencimento e uma identidade mais centralizada, a partir dos significados compartilhados especialmente em relação a espiritualidade e ao sagrado, que norteiam o modo de viver em harmonia com suas relações, com a natureza e com o todo cósmico.

## REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HAN, Byung Chul. **Sociedade da Transparência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Fontes, 2012.